



Depoimento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para o documentário Os Herdeiros de Vargas

Palácio da Alvorada, 25 de junho de 2010

Jornalista: Presidente, o Getúlio dizia que só o povo tem o poder do afeto, e você, em algumas... Posso falar você, não é? Em alguns momentos, Presidente, você superou Getúlio no seu governo, você foi o melhor presidente do mundo, do Brasil e do mundo. Qual a importância do afeto na política, Presidente?

Presidente: Olha, eu penso que, primeiro, o Getúlio teve um papel extremamente importante na história da sociedade. E ficou evidenciado o carinho que o Getúlio tinha pelo povo e que o povo tinha por ele, na morte do Getúlio.

Eu não acredito que a gente possa governar um país do tamanho do Brasil apenas com a cabeça, ou seja, se você não colocar o coração para funcionar e você não sentir o que as pessoas estão vivendo, se você não sentir o drama de cada um... Porque uma coisa é você saber que a pessoa está passando alguma necessidade por um livro, outra coisa é você estar lá vendo o que a pessoa come, como a pessoa dorme, como a pessoa se veste, como a pessoa trabalha, quanto a pessoa ganha, ou seja, você se projeta dentro da pessoa e você vira a própria pessoa. Aí, a alma fala mais fundo, e quando ela fala mais fundo, você tem chance de governar melhor.

Então, eu acho que Getúlio foi um pouco isso. Eu acredito muito. Eu digo sempre o seguinte: é quase que impossível a gente errar se a gente conversar muito com o povo. É por isso que eu já fiz quase 70 conferências nacionais, discutindo todos os grandes assuntos brasileiros e transformando esses assuntos em políticas públicas. Aí fica mais fácil a gente construir, quando a



gente faz aquilo que o povo precisa e quer que a gente faça e não aquilo que apenas meia dúzia de tecnocratas queira que a gente faça.

Jornalista: Quando o Getúlio se matou, você era muito criança. Você lembra, Presidente?

Presidente: Olha, quando o Getúlio se matou eu tinha, na verdade, ia completar nove anos de idade, porque eu fazia em outubro, aniversário, e ele morreu em agosto. Mas eu lembro de ver meu pai e meus irmãos falando da morte de Getúlio. E eu acho que o Getúlio, ele morreu... Veja que interessante o que é o destino, não é? O Getúlio governou 15 anos com mão de ferro, em que ele era quase... era um regime autoritário, porque ele que indicava prefeito, ele que indicava governador das capitais. E, depois, ele volta, de forma muito honrosa, pelo voto direto, em 1950. Essa coisa da democracia, se a gente não estiver preparado para exercitá-la, a gente pode fraquejar. A pressão em cima de Getúlio era muito forte, por isso ele se matou. Então, eu digo sempre o seguinte: é engraçado, porque ele governou 15 anos em um regime mais duro e, na democracia, levaram ele à morte. A democracia levou o Jango a renunciar.

Então, eu acho que ele teve um papel importante no segundo mandato dele, fez grandes coisas (incompreensível). Nós devemos a Getúlio muitas das coisas que tem no Brasil hoje, sobretudo a característica da indústria nacional, pensada por ele, a Petrobras, pensada por ele. Então, eu fui construindo uma imagem positiva do Getúlio ao longo da minha vida.

Quando eu comecei no movimento sindical, eu era muito contra o Getúlio, porque a gente fazia muita crítica pela atuação do movimento sindical. A estrutura sindical brasileira é uma cópia fiel da Carta del Lavoro, de Mussolini, e foi copiado naquela época e implantado no Brasil, tal como.

Então, eu dizia... tinha muitas críticas a Getúlio, mas depois eu entrei no



movimento sindical, com muito ceticismo, por conta da estrutura sindical. E o dado concreto é que nós mudamos a estrutura sindical brasileira quase que na marra, ou seja, criamos as Centrais Sindicais, criamos os sindicatos mais fortes, e hoje os sindicatos são muito mais representativos do que eram na década de 50. Então, eu tenho boas lembranças e muito respeito pelo doutor Getúlio.

Jornalista: Presidente, na sua opinião, o golpe de [19]64 e o golpe de [19]54 que, na verdade, poderia ter acontecido se o Getúlio não tivesse morrido, de quem era a culpa: dos americanos, da UDN, do Eduardo Gomes, dos milicos, de quem, afinal?

Presidente: Olha, eu penso que fica mais fácil a gente jogar a culpa em cima dos outros, dos americanos, e é mais simpático você perdoar o golpismo de uma parte da elite política brasileira, tanto em [19]60 quanto na morte de Getúlio Vargas. É importante a gente deixar as coisas muito claras, porque a história é contada pelos vencedores e, muitas vezes, os vencedores não contam a história verdadeira.

O dado concreto é que você tinha uma elite brasileira golpista. O que tentaram fazer comigo, em 2005?

Jornalista: Eu ia perguntar isso.

Presidente: O que tentaram fazer comigo em 2005, senão uma tentativa de me enfraquecer e me tirar do governo? O que eles não tinham em mente era da relação que eu tinha com o povo brasileiro. E, por isso, eu vou terminar o mandato muito fortalecido e eles muito enfraquecidos, porque eles não tinham o hábito... Eles não gostavam do Getúlio Vargas não era porque o Getúlio Vargas era da elite gaúcha, não. Eles não gostavam do Getúlio Vargas pelo



que o Getúlio Vargas fez pelo povo trabalhador deste país; eles não gostavam do Jango pelo que o Jango discursava, em defesa do trabalhador brasileiro; e não gostavam de mim porque eu era o resultado dessa briga, ou seja, eu era o próprio trabalhador chegando ao governo no país, o que era demais para eles.

Jornalista: Essa questão da inveja, por exemplo, tiveram inveja do Getúlio, tiveram inveja do Jango, do Juscelino, do próprio Lacerda tiveram inveja. E o senhor também é muito invejado, Presidente?

Presidente: Olha, eu não sei.

Jornalista: Sente muito essa inveja?

Presidente: Eu não sei.

Jornalista: Você é muito querido pelo povo, mas é inveja o que a elite tem por você?

Presidente: Olha, eu acho que uma parte da elite brasileira já...

Jornalista: Hoje em dia já é raro também, não é?

Presidente: Mas uma parte da elite brasileira, hoje, já também se modernizou, participa do processo político. Não é mais aquela elite conservadora dos anos 60, em que ainda você tinha quase que uma relação de casta, sabe? Os do andar de baixo jamais poderiam subir ao andar de cima. Hoje, essa coisa está mais pulverizada e existe uma boa relação. Mas ainda tem um ranço político neste país. Tem algumas pessoas que ainda falam: “Mas, puta, esse operário nem estudou, porque ele é Presidente da República?”. Mas isso é uma minoria



porque, também...

Jornalista: E essas universidades são horrorosas...

Presidente: E porque nós já vencemos.

Jornalista: ...não dá nem para estudar também, não é?

Presidente: É porque nós já vencemos os preconceitos e eles estão percebendo que as coisas estão avançando. Como é que pode um cidadão que não tem diploma ser o presidente que mais fez universidade no Brasil, que mais fez escolas técnicas no Brasil, que mais investiu em ciência e tecnologia no Brasil? Então, as pessoas também se rendem diante da realidade.

O que eu acho importante de tudo isso é que o povo está, neste momento, descobrindo que ele pode chegar lá. Acabou aquela história de que o povo era apenas o coadjuvante que ia participar de forma secundária no processo eleitoral. Hoje, o povo mais humilde percebe: "Espera aí, o Lula é um de nós que está lá e, se ele chegou lá, nós também podemos chegar". Essa é a coisa mais extraordinária, que mais me alegra, que mais me dá prazer. O resto tudo é passageiro. Mas a elevação do nível de consciência da sociedade é a coisa mais sagrada que eu me orgulho de ter feito.

Jornalista: Um grande sonho do Getúlio e dos outros que vieram depois, e que você conseguiu realizar, é essa coisa de se dar... Pergunta para ele sobre a UDN, o PCB, o PSD (incompreensível).

Jornalista: É porque o senhor realizou o sonho de Getúlio de... como chama? De botar o PSD, entre aspas, o PCB e a UDN juntos, no político, em um sistema só.



Jornalista: Se dá bem com o Sarney, se dá bem com outros, se dá bem com o DEM, com o PMDB, você conseguiu fazer com que a democracia funcionasse direitinho.

Jornalista: Com união dos partidos políticos.

Jornalista: Foi o único governo que conseguiu... Com os militares, que respeitam, entendeu?

Presidente: Uma coisa importante que aconteceu é resultado da evolução política da sociedade brasileira. Antigamente, era quase que impensável você ver a UDN e o PTB se unirem. A vantagem que eu tenho sobre o Getúlio é que eu criei um partido mais forte do que o Getúlio. O PT é infinitamente mais forte do que o PTB. A segunda coisa importante é que a política brasileira, ao conquistarmos a democracia e ela ficar muito pulverizada, fica mais fácil você construir alianças políticas. Então, hoje, eu penso que quem vier governar esse país, nas próximas décadas, terá mais facilidade de fazer composições. É engraçado que, naquele tempo, era a elite brigando contra a elite. Hoje, não. Hoje você tem partido de esquerda, você tem partido de centro, você tem partidos ultrarradicais de esquerda, você tem partido de direita, e, no fundo, no fundo, todo mundo começa a compreender que é possível construir uma síntese e você ter um denominador comum capaz de permitir que você governe.

Eu me sinto feliz, porque esse é outro aprendizado que era o medo que as pessoas tinham: “O Lula vai ganhar, ele vai conseguir governar? Ele vai seguir o Congresso? Os militares vão...”. A preocupação que diziam: “Os militares não vão deixar ele tomar posse”. Eu tomei posse; governei; construí maioria no Congresso, na Câmara, no Senado; tenho um profundo respeito



pelas Forças Armadas e eu tenho certeza de que eles têm respeito por mim; tenho um profundo respeito pelos trabalhadores, e eles têm por mim; tenho um profundo respeito por muitos empresários, e sei que, hoje, mesmo aqueles que não gostavam de mim me respeitam, porque sabem que eu sou uma pessoa de bem, que eu não tenho problemas pessoais com ninguém. Eu acho que nós vamos deixar esse legado. Ainda tem resquícios da UDN, o falso moralismo ainda persiste na política brasileira. A coisa que mais me deixa indignado é quando eu vejo um ladrão acusando outro ladrão, ou um ladrão acusando um inocente, o que normalmente acontece.

Então, eu aprendi a superar essas coisas, e acho que o Brasil está caminhando, se Deus quiser, para algo muito melhor, muito melhor. Eu acho que eu fui apenas o começo de uma nova forma de governar o país, em que o povo se sente incluído e não excluído, historicamente, como ele foi.

Jornalista: Muito bom, ótimo, maravilhoso!

Presidente: Muito bem?

Jornalista: Muito bom, obrigado.

Jornalista: Pronto, maravilhoso.

(\$31DHJLP)